TPBCI Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação

COLONIALIDADE DE SABERES NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO BRASILEIRA: O EPISTEMICÍDIO NAS PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS[1]

COLONIALITY OF KNOWLEDGE IN BRAZILIAN INFORMATION SCIENCE: INVESTIGATING EPISTEMICIDE IN SCIENTIFIC PUBLICATIONS

Felipe Arthur Cordeiro Alves[2]
Wendia Oliveira de Andrade[3]
Edivânio Duarte de Souza[4]

Resumo: Trata do Epistemicídio na Ciência da Informação, dentro de uma observância para além de um recorte temporal, já que o colonialismo perpassou linhas históricas e se mantém na contemporaneidade da informação científica. Para corroborar tal fundamento, a pesquisa tratou de analisar as publicações científicas nacionais de Ciência da Informação com a temática de epistemicídio. Metodologicamente, a pesquisa se caracteriza com abordagem qualitativa com uso de recursos quantitativos, seu nível é exploratório-descritiva, tendo como técnica a pesquisa bibliográfica e documental, já que como recurso fez-se pesquisas na base de dados BRAPCI, com intervalo temporal de 2021 a 2023. Para a recuperação documental na referida base, fez-se uso dos seguintes descritores: "epistemicídio", "racismo epistêmico", "violência epistêmica", "silenciamento de saberes", "sociologia das ausências". Com base na busca desses termos, em todos os campos de busca da base de dados, o levantamento contabilizou um universo de 1 pesquisas. Avaliando o total recuperado, 7 documentos trataram especificamente da temática epistemicídio, como contexto. A partir da análise e inferência, percebe-se a necessidade de discutir a temática no domínio da Ciência da Informação, já que a predominância de temáticas outras, reforçam o silenciamento do Epistemicídio.

Palavras-Chave: epistemicídio; colonialidade; colonialismo; ciência da informação.

Abstract: *It deals with Epistemicide in Information within an observation beyond a temporal cut, since colonialism crossed historical lines and persists in the contemporaneity of scientific*

---

[1] Artigo ampliado a partir do texto submetido, avaliado, aprovado, apresentado e premiado no XXIII ENANCIB.

[2] Mestre em Ciência da Informação. Técnico em Arquivo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba. E-mail: felipecordeiro41@hotmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-1339-710X.

[3] Doutora em Ciência da Informação. Professora Adjunta e Vice-Diretora da Faculdade de Biblioteconomia (FABIB) da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: wendia@ufpa.br. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-1917-8218.

[4] Doutor em Ciência da Informação. Professor Associado do Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes da Universidade Federal de Alagoas (ICHCA/UFAL). E-mail: edivanio.duarte@ichca.ufal.br. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-7461-828X.

information. To corroborate this foundation, the research analyzedScience, national scientific publications in Information Science with the theme of epistemicide. Methodologically, the research is characterized by a qualitative approach with the use of quantitative resources, its level is exploratory-descriptive, and its technique is bibliographic and documentary research, since as a resource, searches were conducted in the BRAPCI database, with a time interval of 2021 to 2023. For the documentary recovery in the aforementioned database, the following descriptors were used: "epistemicide", "epistemic racism", "epistemic violence", "silencing of knowledge", "sociology of absences". Based on the search for these terms, in all search fields of the database, the survey accounted for a universe of 1 research. Evaluating the total recovered, 7 documents specifically addressed the theme of epistemicide, as a context. From the analysis and inference, it is perceived the need to discuss the theme in the domain of Information Science, since the predominance of other themes reinforces the silencing of Epistemicide."

Keywords: *epistemicide; coloniality; colonialism; information science.*

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo é resultado de um processo de reflexividade acerca do epistemicídio e fenômenos sociais imbricados (colonialismo, colonialidade, racismo, escravidão, entre outros) iniciado no desenvolvimento de uma dissertação de mestrado concluída em 2021. Essa dissertação se desdobrou em outras publicações inseridas em anais de eventos[5] e periódicos científicos. Em meio a esse processo de amadurecimento intelectual, o contato com algumas obras de Boaventura de Sousa Santos, pode ser considerada uma epifania, sobretudo, “O fim do império cognitivo : as afirmações das epistemologias do Sul”. Soma-se a essa experiência epifânica epistemológica, as interações com produções científicas do Grupo Modernidade/Colonialidade que reúne intelectuais latino-americanos como Walter Mignolo, Anibal Quijano, Enrique Dussel, entre outros.

Consoante Freitas (2018), o Projeto Modernidade/Colonialidade é um movimento criado por pesquisadores que desenvolvem seus estudos sobre e a partir da América latina. Sobre porque os povos da região são analisados em livros e artigos

[5] Este estudo é oriundo de um trabalho completo submetido, avaliado, aprovado e apresentado na vigésima primeira edição do ENANCIB. Nessa ocasião, fizemos ampliações teórico-metodológicas que julgamos pertinentes para o desenvolvimento da pesquisa

que abordam os diversos povos latino-americanos em sua complexidade. Já o "a partir" se refere ao fato de que os membros do grupo compreendem a América Latina como ponto de ancoragem, *locus* de enunciação, desconstruindo o colonialismo sob uma perspectiva crítica de resistência epistêmica. O ponto de partida deste estudo é a curiosidade acerca de como a Ciência da Informação brasileira e sua produção tem se abordado epistemologias do sul, o epistemicídio, a colonialidade do saber e outras temáticas. Além disso, considera-se que é possível observar a existência ou não de um movimento semelhante refletido nos constructos científicos nacionais.

As epistemologias do Sul demonstram que os critérios dominantes do conhecimento válido na modernidade ocidental, ao não reconhecerem como válidos outros tipos de conhecimento para além daqueles que são produzidos pela ciência moderna, deram origem à destruição de uma imensa variedade de saberes que produzidos por povos que passaram pelo processo de colonização. Tal destruição desarmou essas sociedades de tal modo que essas tornaram-se incapazes de representar o mundo conforme suas idiossincrasias e nos seus próprios termos, e, assim, incapazes de considerar o mundo como suscetível de ser mudado por via do seu próprio poder e no sentido de prosseguir os seus próprios objetivos (Santos, 2019).

Reconhecer o colonialismo e as violências dele derivadas como ignominiosas é lugar-comum. Acredita-se que não é passível de questionamentos o quanto o colonialismo histórico violentou e oprimiu as diversas formas de ver, julgar e agir dos povos colonizados. É mister, todavia, avançar no assunto e não entender o colonialismo como algo pretérito, mas um fenômeno que segue atuante sob novas formas.

O colonialismo histórico, conforme Santos (2019), não implicou o fim do colonialismo como forma de sociedade baseada na inferiorização étnico-cultural e

ontológica de outrem. Ao contrário do que vulgarmente se julga, a independência das colônias não implicou no fim do colonialismo, mas apenas na substituição de um tipo de colonialismo por outros, tais como: racismo, xenofobia, neocolonialismo e colonialidade do conhecimento, dentre outros.

Ao mesmo tempo, em que se certifica que a colonialidade é a perpetuação do colonialismo, é importante ponderar que esses possuem concepções diferentes. Este ficou circunscrito a um período histórico, findando na independência das colônias, ao passo que aquela perpetua o colonialismo, atuando na manutenção de uma dominação em diversos níveis das populações que passaram por processos de colonização (Maia; Melo, 2020).

Uma das manifestações da colonialidade ocorre na produção de conhecimentos e saberes. A lógica colonial hegemônica busca impor-se como conhecimento válido e universal, desqualificando ou negando legitimidade a outros conhecimentos, resultando no silenciamento, parcial ou total de epistemologias silenciadas. Esse fenômeno é denominado na literatura científica como epistemicídio. Com efeito, nas palavras de Pessanha (2019, p. 169), “A morte do pensamento, o epistemicídio, é utilizado como estratégia de proteção do grupo hegemônico, pertencentes da raça branca, em detrimento daqueles que são deixados para morrer, a raça negra.” Não obstante ao exposto, o epistemicídio não atinge apenas a população negra, mas, também, outros grupos sociais subalternizados em situação de vulnerabilidade social.

No Brasil, essas práticas são condicionadas e, até mesmo, potencializadas pela formação histórico-social, resultado de um processo de colonização centrado na exploração de recursos naturais, no extermínio de negros e de indígenas, além de outras práticas perversas. Passado mais de um século, as marcas dessa história ainda

persistem e ecoam nas diversas produções nacionais, inclusive naquelas que têm nos aspectos socioculturais a centralidade de suas problematizações.

É forçoso considerar que se faz necessário desconstruir o epistemicídio no campo científico, que dificulta o protagonismo social dos sujeitos subalternizados nas produções científicas. Uma ciência marcada pelo epistemicídio é mutilada e disforme, podendo ser dissonante da realidade na qual está inserida. Nessa perspectiva, algumas problematizações acerca de marcadores sociais, que evidenciam relações hierárquicas de poder, tais como: classe, gênero, raça, sexo, religiosidade, conhecimento e saber, sinalizam para a desconstrução desse estado de subalternidade histórica, na produção científica.

Respeitando os limites deste, esta pesquisa objetiva analisar a inserção da temática epistemicídio em periódicos da Ciência da Informação Brasileiros. Para isso, o estudo se estruturou em cinco seções textuais, incluindo esta primeira, para uma melhor compreensão do objeto proposto. Na segunda seção, discorre-se acerca dos impactos da colonialidade na produção epistêmica, em interface com o conceito de epistemicídio. Na terceira seção, apresenta-se a metodologia do estudo, detalhando como se procedeu à caracterização da pesquisa, a coleta dos dados, bem como a análises e as discussões dos achados científicos. A presente pesquisa é caracterizada como exploratório-descritiva, com abordagem qualitativa e pesquisa bibliográfica. Na quarta seção, apresenta os resultados da pesquisa, descrevendo os estudos encontrados, corpo autoral e periódicos onde a produção foi comunicada, entre outros pontos. E, por último, na quinta seção, foram apresentadas as considerações finais acerca dos achados científicos. Esta pesquisa se justifica devido à necessidade de desarticular a colonialidade do saber e o epistemicídio na Ciência da Informação, visto que esses fenômenos densos e complexos podem acentuar assimetrias nas

produções científicas da área, sobretudo, aquelas oriundas de grupos sociais excluídos historicamente.

2 O EPISTEMICÍDIO COMO PRODUTO DA COLONIALIDADE DO SABER

O colonialismo não é um fim em si mesmo. O fim do colonialismo histórico[6] não implica o término do jugo colonial, pois esse fenômeno segue vivo e atuante, sobrepujando as diversas formas de ser, pensar e agir. Em outras palavras, a colonialidade rechaça o plural e busca conjugar a história do mundo segundo suas singularidades. O termo colonialidade por sinal, foi cunhado pelo sociólogo Peruano Anibal Quijano, ao sinalizar a diferença entre colonialismo e colonialidade, esclarecendo que apesar de serem conceitos relacionados, destoam em significado.

> Colonialidade é um conceito diferente de, ainda que vinculado a, Colonialismo. Este último refere-se estritamente a uma estrutura de dominação/exploração onde o controlo da autoridade política, dos recursos de produção e do trabalho de uma população determinada domina outra de diferente identidade e cujas sedes centrais estão, além disso, localizadas noutra jurisdição territorial. Mas nem sempre, nem necessariamente, implica relações racistas de poder. O colonialismo é, obviamente, mais antigo, enquanto a Colonialidade tem vindo a provar, nos últimos 500 anos, ser mais profunda e duradoira [sic] que o colonialismo (Quijano, 2009, p. 73).

A atuação da colonialidade possui grande tomo na história, uma vez que influenciou a humanidade em termos geopolíticos, econômicos, sociais e epistemológicos. Segundo Mignolo (2017), a colonialidade propiciou a transformação de um modo policêntrico e não capitalista, antes do início do século XVI, para uma ordem mundial monocêntrica e de mentalidade capitalista, entre 1500

[6] É importante sopesar que existem muitas nações que ainda não possuem independência política. De tal modo, mais de um milhão de pessoas vivem em nações que não gozam de autonomia política integral e vivem em situação de subordinação às ditas “metrópoles”, tais como Reino Unido, Nova Zelândia e França, entre outros (Freitas, 2019).

a 2000. Não obstante, para além do exposto, a colonialidade também promoveu transformações epistemológicas associadas ao Renascimento Europeu.

O domínio epistemológico promovido pela colonialidade possui um viés racista e se utilizou da capa de projeto de modernidade. Mignolo (2017) pontua que a modernidade é o lado mais obscuro da modernidade. Para o autor, por trás da retórica modernista, modelos econômicos dispensavam vidas humanas, utilizando de conhecimentos científicos que justificavam o racismo entre seres humanos (Mignolo, 2017). O conhecimento científico, caracterizado como moderno, não esteve em uma posição de neutralidade, mas a serviço da colonialidade e dos seus interesses hegemônicos de poder.

A colonialidade se estabelece em três dimensões (poder, ser e saber), sendo uma continuidade do colonialismo e influenciando, diretamente, no modo de vida dos corpos colonizados, classificando as pessoas e suas culturas com base em uma visão de mundo pautada em uma racionalidade branca cristão e capitalista (Oliveira; Silva, 2021). No âmbito epistemológico, Oliveira e Silva (2021) afirmam que são estabelecidos regimes de produção de conhecimento construídos, a partir do eurocentrismo e de seus padrões modernos de humanidade; e, no âmbito ontológico, atua na desconstrução do ser.

As três dimensões da colonialidade são um assunto denso e complexo, respeitando os limites desse estudo, assim apresenta-se de modo muito sintético as noções de cada uma, embora a que mais interesse para os fins desta discussão é a colonialidade do saber/conhecimento. Importante sopesar que a colonialidade do poder é basilar de todas as expressões da colonialidade, pois, é através do poder que os seres são desfigurados e as epistemologias são dominadas pela mentalidade colonial.

Para Porto-Gonçalves (2005), para além do legado de desigualdade e injustiças sociais deixados pelo colonialismo e imperialismo, há um legado epistemológico do eurocentrismo que impede de compreender o mundo a partir da própria conjuntura, em que se insere e das epistemes que lhe são próprias. Ferreira e Pita (2020) enunciam que o conceito de colonialidade do saber é derivado do conceito de colonialidade poder, remetendo à construção do conhecimento dentro das relações de poder. Nos processos de construção de saberes, a educação formal desempenha o papel de padronizar e separar a "civilização" (europeia) da "barbárie" (sul americana) (Ferreira; Pita, 2020).

A colonialidade do saber é um sinal visível da perpetuação da colonialidade na história. "A colonialidade do conhecimento (tal como a do poder) continua a ser instrumento fundamental para a expansão e o reforço das opressões geradas pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado" (Santos, 2019, p. 27).

Uma das consequências da mentalidade moderna colonial é o silenciamento total ou parcial de conhecimentos produzidos fora dos centros hegemônicos. O resultado disso são áreas do conhecimento mutiladas, que, muitas vezes, representam produções científicas desconectadas da realidade social onde estão inseridas.

> O imaginário do mundo moderno/colonial surgiu da complexa articulação de forças, de vozes escutadas ou apagadas, de memórias compactas ou fraturadas, de histórias contadas de um só lado, que suprimiram outras memórias, e de histórias que se contaram e se contam levando-se em conta a duplicidade de consciência que a consciência colonial gera (Mignolo, 2005, p. 40).

O fenômeno que comporta discursos silenciados, memórias fraturadas ou histórias enviesadas materializa-se no epistemicídio. Conforme Santos (2019, p. 27), o epistemicídio se apresenta como a "[...] destruição de uma imensa variedade de

saberes que prevalecem sobretudo no outro lado da linha abissal – nas sociedades e sociabilidades coloniais."

Santos (2019) utiliza a metáfora de linhas abissais para explicar a divisão entre Norte e Sul Global. Em conformidade com o autor, as epistemologias do Norte têm como premissa uma linha abissal que separa as sociedades metropolitanas das formas de sociabilidade coloniais, definindo o que é válido, normal e ético (Santos, 2019). As epistemologias do Norte concebem o modelo epistemológico eurocêntrico como única forma de conhecimento válido, independentemente de onde se produza o conhecimento. Estar do outro lado da linha abissal, do lado colonial, do Sul, equivale a ser impedido pelo conhecimento dominante de representar o mundo nos seus próprios termos.

As linhas abissais e o epistemicídio negam o direito de outrem a ser, a pensar e a existir, conforme sua própria realidade, levando as populações afetadas por esses fenômenos a um processo de indigência social. "O epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural" (Carneiro, 2005, p. 27).

O aspecto mais ignominioso na colonialidade do saber e no epistemicídio é que essa supremacia e essa predominância foram auto proclamadas e fundadas sobre falácias históricas e científicas endossadas pelas ciências. As ciências sociais modernas, de acordo com Santos (2019), reconheceram a existência do colonialismo histórico, baseado na ocupação territorial estrangeira, mas não reconheceu o colonialismo como parte integrante da dominação capitalista. As ciências modernas conceberam a humanidade como um conjunto hegemônico, sujeita à tensão entre a regulação e a emancipação (Santos, 2019).

Nesse sentido, Santos (2019) considera que as epistemologias do Sul dão prioridade epistemológica ao combate às exclusões abissais, pois o epistemicídio

causado pelas ciências modernas eurocêntricas foi muito mais devastador no Sul, com a conversão da apropriação e da violência coloniais na forma de regulação social. Essa condição pode ser observada, em diversas frentes de movimentos, inclusive nas práticas científicas de diferentes áreas do conhecimento, como discutido aqui, no domínio da temática do epistemicídio na produção científica da Ciência da Informação, buscando entender como a área tem se debruçado sobre e tema e se posicionado como ciência social aplicada.

3 DESENHO TEÓRICO-METODOLÓGICO DA PESQUISA EMPÍRICA

A fim de construir um plano teórico-metodológico adequado ao objetivo deste estudo, a pesquisa foi desenvolvida sob o *locus* bibliográfico e exploratório-descritivo, além de uma abordagem qualitativa devido às discussões, e quantitativa pelo uso de recursos quantitativos para a organização numérica dos documentos recuperados, fez-se assim, uma análise a partir de um viés analítico subjetivo (Gil, 2008). Para a composição bibliográfica, utilizaram-se preferencialmente os estudos desenvolvidos por autores de países que se situam fora do eixo europeu e norte-americano, com o propósito de fazer um exercício epistemológico de práxis decolonial, de valorizar e de visibilizar, conforme Santos (2019), as "Epistemologias do Sul", em contraposição aos saberes do "Norte Global". É importante ponderar, em conformidade com o autor que, apesar de abarcar a temática geopolítica do conhecimento, trata-se do Sul é epistemológico e do não-geográfico (Santos, 2019), na medida em que esses se sobrepõem parcialmente, especialmente no que se refere a países vítimas do colonialismo histórico.

O estudo caracteriza-se com nível exploratório-descritivo. As pesquisas exploratórias têm o objetivo de proporcionar uma nova visão do problema, descortinando outras questões. E, ao avançar no aprofundamento, alcança o nível das

pesquisas descritivas que visa às características de um fenômeno ou um grupo, podendo identificar possíveis relações entre as variáveis (Gil, 2022). Coaduna dessa forma, com a pesquisa bibliográfica, como procedimento, considerando que esta tem como vantagem "[...] permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla [...]. Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço." (Gil, 2008, p. 50). Tratou-se, portanto, de levantar e descrever a produção em Ciência da Informação que trata do epistemicídio.

Santos (2019) discorre que a natureza colonialista das metodologias desenvolvidas pelas ciências modernas abissais é desenvolvida com base na lógica do extrativismo, especificamente do extrativismo cognitivo que caracteriza o colonialismo, capitalismo e patriarcado. Logo, é importante ponderar que os estudos decoloniais e contra hegemônicos na Ciência da Informação devem se distanciar de uma relação objetal com os sujeitos da pesquisa, buscando evitar um mero extrativismo de dados.

O ambiente de pesquisa foi a Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI), cuja escolha se deu por considerá-la como importante amostra do universo científico da Ciência da Informação brasileira. Segundo Gabriel Junior e Bufrem (2022), a BRAPCI transcende seu papel de socializadora de conhecimento, tornando-se também objeto de estudo da própria área. Para a busca nos títulos, nos resumos e nas palavras-chave, foram utilizados os termos "epistemicídio", "racismo epistêmico", "violência epistêmica", "silenciamento de saberes", "sociologia das ausências". Com base na busca desses termos, em todos os campos de busca da base de dados, o levantamento contabilizou um universo de 13 pesquisas.

Após cuidadosa leitura e avaliação completa dos estudos, constatou-se que apenas sete tinham o epistemicídio como assunto principal, enquanto outras faziam

referências pequenas à temática, mas sem um aprofundamento no assunto. Desse modo, o *corpus* do estudo é composto por sete artigos que têm como temática principal o epistemicídio, abarcando o período de 1972 a 2023, que corresponde à cobertura da base de dados.

Os achados foram sistematizados, analisados e discutidos, com base nos referencias gerais adotados e nas temáticas específicas dos próprios artigos que compuseram a base material da pesquisa empírica, conforme objetivos e procedimentos estabelecidos.

A partir do recorte supracitado, fez-se a análise, inferência e interpretação das discussões teóricas com a temática da pesquisa, e dessa forma observou-se, como as construções vêm sendo feitas dentro do contexto da Ciência da Informação.

4 O EPISTEMICÍDIO NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

O epistemicídio é um fenômeno denso, complexo e multifacetado. Logo, não é uma tarefa fácil desenvolver pesquisa sobre essa temática, pois requer, além de um bom repertório acerca do assunto, uma espécie de metanoia por parte do pesquisador. Isso, todavia, não pode e não deve ser usado como motivo para que esse fenômeno não seja investigado. Pelo contrário, a complexidade do tema deve ser vista como desafiadora para a comunidade de cientistas da informação.

Essa prática científica é um reflexo da atuação da colonialidade do saber, que impõe ao sujeito do outro lado da linha (Sul) um processo de indigência cultural, tendo a raça como elemento central da dominação. Conforme Alves (2021, p. 52), “O epistemicídio é a manifestação contumaz do racismo na ambiência acadêmica.” Nesse sentido, Nogueira, Duarte e Ribeiro (2019, p. 441) consideram o epistemicídio como sinônimo de racismo epistêmico e o definem como:

> [...] um conjunto de dispositivos, práticas e estratégias que produzem cânones que deixam de fora o que não é da matriz europeia. O crivo eurocêntrico para o conhecimento recusa a validade das justificativas feitas a partir de referenciais não europeus, quer sejam eles filosóficos, culturais, históricos, ou científicos, distinguindo o que é conhecimento válido e o que não é conhecimento (Nogueira; Duarte; Ribeiro, 2019).

A produção de cânones ou dogmas epistemológicos é temerário para qualquer área do conhecimento, visto que desfigura o campo científico, escondendo seu caráter heterogêneo e diverso. Por isso, é relevante que a Ciência da Informação esteja atenta aos ecos da colonialidade do saber e dos epistemicídios em seu domínio epistemológico.

O silenciamento de alguns conhecimentos oriundos de povos historicamente excluídos e subalternizados em alguns espaços da área, por exemplo, pode ser encarado como um sinal visível da colonialidade do saber na Ciência da informação, sinalizando a presença de violências epistêmicas na conformação do campo da informação no território nacional. A título de *exempli gratia*, destacam-se, entre outros, os estudos de Ortolan, Silva, Alves e Martínez-Ávila (2017), Melo Filho e Silva Júnior (2020), Alves (2021) e Almeida, Alves e Silva (2021), que evidenciam esse fenômeno.

O primeiro ponto, que salta aos olhos é que a discussão da temática epistemicídio na Ciência da Informação remonta à última década, conforme o Quadro 1, em que pese o fato de os resultados terem como parâmetros de busca elementos que visaram precisar a centralidade da discussão.

Com efeito, a temática epistemicídio vem ganhando tomo na Ciência da Informação, a partir da segunda década do século XXI, apresentando um lapso de aproximadamente 30 anos entre a criação do termo e os primeiros estudos na área, tendo em vista que o termo foi cunhado por Boaventura de Sousa Santos na década

de 90 do século XX[7]. Nesse sentido, é possível entender a pequena quantidade de trabalhos acerca da temática em diversas fontes da Ciência da Informação. Também é importante pontuar que os sete artigos recuperados estão inseridos em sete periódicos diferentes. Tal cenário pode ser encarado positivamente, pois demonstra abertura de diferentes revistas científicas para as suas temáticas, como é possível observar no Quadro 1:

Quadro 1 - O Epistemicídio na produção periódica brasileira

Título	Periódico	Ano	Autoria
Transtorno do espectro autista e tautismo: uma questão de prefixo? Epistemicídio e capacitismo na análise crítica à infocomunicação	Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação	2023	Fernanda do Valle Galvão Debett Gustavo Silva Saldanha
Raízes do epistemicídio negro: análise da produção científica do ENANCIB (1994-2019)	Em Questão	2023	Felipe Arthur Cordeiro Alves Gisele Rocha Côrtes
Conhecimento das margens: da injustiça epistêmica à valorização do conhecimento negro em Biblioteconomia e Ciência da Informação	Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina	2022	Franciéle Carneiro Garcês da Silva Dirnéle Carneiro Garcez Rubens Alves da Silva
Da ausência à evidência: notas teórico-críticas sobre o Princípio da Ausência, Epistemicídio e Reparação Epistêmica em bibliotecas e Biblioteconomia	InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação	2022	Franciéle Carneiro Garcês da Silva Rubens Alves da Silva
O que é epistemicídio? Uma introdução ao conceito para a área da Ciência da Informação	Liinc em Revista	2021	Robson de Andrade Gonçalves Marcos L. Mucheroni
Refletindo sobre as concepções de revitalização linguística e língua morta a partir do contexto kiriri	Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som - Policromias	2021	Vanessa Coelho Moraes
Territorialização de um Epistemicídio: autoras/es brasileiras/os referenciadas/os nos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil	Revista Folha de Rosto	2021	Vitória Gomes Almeida Ermeson Nathan Pereira Alves Dávila Maria Feitosa da Silva

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

[7] Conferir: https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2022/05/03/pratica-cria-monocultura-do-conhecimento-e-marginaliza-outros-saberes.htm. Acesso em: 23 de julho de 2024.

Outro aspecto geral que carece de ser discutido é que apenas uma pesquisadora e um pesquisador compuseram o corpo autoral em mais de um artigo – Franciéle Carneiro Garcês da Silva[8] e Rubens Alves da Silva[9]. Observando seus currículos Lattes, observa-se que havia no momento da publicação, uma relação de orientador-orientanda em um Doutorado em Ciência da Informação. Salienta-se o histórico de pesquisa de ambos, acerca das questões étnico-raciais, combate ao racismo e violências epistêmicas, entre outras temáticas.

O primeiro estudo do Quadro 1, "Transtorno do espectro autista e tautismo: Uma questão de prefixo? Epistemicídio e capacitismo na análise crítica à infocomunicação" (Debetto; Saldanha, 2023), está inserido nas interfaces entre Informação e Saúde, e Informação e Comunicação. Embora Debetto e Saldanha (2023) adotem a via do reconhecimento científico e do pertencimento étnico-racial, em que o autismo não se configura como campo, tomando como referência o conceito de epistemicídio para situar as exclusões sofridas pela comunidade autista em termos de conhecimento, mediações e olhares ontológicos.

A segunda investigação científica do Quadro 1, "Raízes do epistemicídio negro: análise da produção científica do ENANCIB (1994-2019)", Alves e Côrtes (2022) desenvolveram um estudo teórico acerca das raízes do epistemicídio negro no país: o colonialismo e a escravidão. Para o autor e autora, esses dois fenômenos contribuíram para o desenvolvimento de um racismo estrutural no país que, por sua vez, promoveu diversas exclusões do povo negro na sociedade brasileira, mas, também, das produções científicas. Os resultados do estudo apontam que o epistemicídio negro no evento começa a ser parcialmente resolvido com a criação do GT 12 do evento. Em âmbito geral, as considerações conclusivas apontam a

[8] Currículo disponível em: http://lattes.cnpq.br/2805777083019311. Acesso em: 26 jun. 2024.
[9] Currículo disponível em: http://lattes.cnpq.br/9317111026989061. Acesso em: 26 jun. 2024.

necessidade de um salto qualitativo e quantitativo nas produções científicas acerca do epistemicídio na Ciência da Informação.

No terceiro artigo do Quadro 1, "Conhecimento das margens: da injustiça epistêmica à valorização do conhecimento negro em Biblioteconomia e Ciência da Informação", Silva, Garcez e Silva (2022) advogam a descentralização do paradigma epistemicida para evocar a diversidade de saberes e de conhecimentos técnico-teóricos oriundos da academia e dos saberes tradicionais. Também é enfatizado o desejo de que os conhecimentos, que sempre estiveram inseridos à margem, façam parte do pensamento, da educação e da prática bibliotecária.

A quarta investigação científica do Quadro 1, "Da Ausência à Evidência: notas teórico-críticas sobre o Princípio da Ausência, Epistemicídio e Reparação Epistêmica em bibliotecas e Biblioteconomia", discutiu a influência do princípio da ausência e do epistemicídio do conhecimento negro na construção de acervos de bibliotecas e de unidades de informação, bem como na formação de profissionais bibliotecários. Nesse contexto, Silva e Silva (2022) constatam que a ambiência acadêmica permanece sendo palco do epistemicídio negro e de outros grupos étnico-raciais, na medida em que, para além do epistemicídio e da execução do princípio da ausência, as universidades e as bibliotecas realizam o apartheid epistêmico.

O quinto trabalho do Quadro 1, "O que é epistemicídio? Uma introdução ao conceito para a área da Ciência da Informação", é um estudo que traz o conceito de epistemicídio para o contexto da Ciência da Informação. Gonçalves e Mucheroni (2021) enunciam que é perceptível o número de cientistas da informação que tratam dos desafios informacionais, considerando a diversidade epistemológica e o questionamento acerca das opressões impostas pela colonialidade. O desafio dos estudos sobre informação consiste em encontrar caminhos epistemológicos que questionem os fundamentos da Ciência da Informação não apenas do ponto vista

formal, mas também de seus discursos e dos sujeitos pesquisadores (Gonçalves; Mucheroni, 2021).

O sexto artigo do Quadro 1, "Refletindo sobre as concepções de revitalização linguística e língua morta a partir do contexto kiriri", discute o extermínio linguístico de povos indígenas no Brasil, especialmente a língua Kiriri. Conforme Moraes (2021), é preciso ressignificar o conhecimento sobre línguas, de modo que não se taxe conhecimentos tão importantes de uma cultura. A língua, no entendimento de Nascimento (2019), como todo produto ou subproduto da colonialidade, é um espaço de atuação do epistemicídio; com isso, recorda que as populações africanas e indígenas foram obrigadas a terem a língua portuguesa de Portugal como seu primeiro idioma. O combate à língua desses povos gerou, concomitantemente, o epistemicídio e o linguicídio. Este tem uma relação próxima com aquele, pois o epistemicídio é mediado pela linguagem e/ou por políticas linguísticas (Nascimento, 2019).

O sétimo e último artigo do Quadro 1, "Territorialização de um Epistemicídio: autoras/es brasileiras/os referenciadas/os nos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil", analisa como o corpo autoral brasileiro da Ciência da Informação é referenciado nas disciplinas de Fundamentos em Ciência da Informação e similares. Almeida, Alves e Silva (2021) observaram que dentre os 16 Programas de Pós-Graduação analisados, 75% das referências utilizadas são configuradas como estrangeiras e apenas 25% são constituídas de referências nacionais. Observa-se, por conseguinte, que há uma sobreposição das referências estrangeiras em detrimento das referenciais nacionais em determinados recortes da Ciência da Informação, que sinaliza para uma prática de ensino com referências estadunidenses e eurocentristas, conforme Ferreira e Pita (2020).

Munanga (2005) considera que não se pode esquecer que a comunidade periférica é fruto de uma educação eurocêntrica, que contribui para a reprodução de preconceitos presentes na sociedade. A ambiência científica não é alienada a conjuntura social que a cerca. Desse modo, preconceitos raciais, sexuais, religiosos, morais e epistemológico podem se fazer presentes em qualquer campo científico, inclusive na Ciência da Informação. A colonialidade do saber e os epistemicídios são estruturais e estruturantes e impactam diretamente em qualquer produção de conhecimento, para o bem e/ou para o mal.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de sua história, pouco mais de seis décadas, a Ciência da Informação observou a produção científica, indicando tendências de pesquisas, utilizando indicadores bibliométricos ou cientométricos. Esse tipo de pesquisa é de grande relevância para a área, pois faz parte das suas idiossincrasias. Todavia, os dados levantados por esse estudo, apontam que, concomitantemente, a comunidade de cientistas da informação pode e deve observar os silêncios epistêmicos que gritam nas vozes silentes de povos subalternizados.

Vale salientar que embora os resultados apresentados representem uma tímida produção científica acerca do epistemicídio, as sete produções científicas identificadas no recorte da pesquisa são consideradas ricas do ponto de vista teórico-metodológico, sendo modelos de pesquisas para o desenvolvimento de novas pesquisas na área.

É importante observar que parece não existir um grupo de pesquisadores coesos acerca do epistemicídio e da colonialidade desenvolvendo artigos, mas há, na verdade iniciativas isoladas de pesquisadores para o desenvolvimento de pesquisas acerca dos temas mencionados. Talvez, seja importante estudos que avaliam a

existências de grupos de pesquisa e/ou estudos sobre que abordem essa temática, visto que a área carece de mais estudos e o epistemicídio é um fenômeno que requer um acompanhamento contínuo. Faz-se importante, evocar aos possíveis grupos de pesquisa que tratem da temática, que esses possam divulgar e compartilhar seus insumos teóricos para um maior conhecimento do que está sendo produzido no contexto nacional, diminuindo gradativamente o silenciamento desse recorte.

Ora, é de se questionar: por qual motivo fenômenos informacionais advindos de fora do país ganham mais atenção da mídia e da Ciência da Informação do que violências, inclusive epistêmicas, que o povo brasileiro sofre? Parafraseando Spivak (2010), questiona-se: pode o subalterno informacional falar? A quem interessa dar voz aos que são silenciados? Por que existe maior interesse em saber o que há na produção científica da nossa área do que aquilo que está oculto? Grupos subalternizados não produzem informação e fenômenos informacionais?

Os indicadores de produção, levantados a partir da principal base da Ciência da Informação brasileira, a BRAPCI, evidenciam relativamente estas condições epistêmicas no domínio do conhecimento em informação, tanto no que se refere à quantidade quanto, aos domínios temáticos de estudo. Os achados da pesquisa indicam que, apesar de haver indícios de epistemicídio na Ciência da Informação, os estudos acerca do tema ainda são escassos e quase sempre introdutórios. Não obstante, consoante Alves e Cortês (2022), é imprescindível acompanhar a presença dessa temática nesse campo de conhecimento, a partir de diversas fontes de literatura científica.

A mentalidade moderna colonial está por trás de algumas respostas para as elucubrações levantadas neste estudo. Porém, isso tudo é assunto para outras conversas, novas produções científicas, mas ficam aqui as provocações à comunidade

de cientistas da informação e o desejo de continuar descortinando o epistemicídio na Ciência da Informação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Vitória Gomes; ALVES, Ermeson Nathan Pereira.; SILVA, Dávila Maria Fonseca da. Territorialização de um epistemicídio. **Revista folha de rosto**, Juazeiro do Norte, v. 7, n. 1, p. 9-27, jan./abr. 2021. Disponível em: https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/665/529. Acesso em: 28 dez. 2022.

ALVES. Felipe Arthur Cordeiro. **A mediação da informação como epicentro do protagonismo social negro**: do epistemicídio à [des]colonialidade nos anais do ENANCIB. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/20236/1/FelipeArthurCordeiroAlves_Dissert.pdf. Acesso em: 22 dez. 2022.

ALVES, Felipe Arthur Cordeiro Alves; CORTÊS, Gisele Rocha. Epistemicídio negro na Ciência da Informação: uma discussão inicial. *In:* ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2022, Porto Alegre. **Anais** [...]. Porto Alegre: UFRGS, 2022. Disponível em: https://ancib.org/enancib/index.php/enancib/xxiienancib/paper/download/1167/774. Acesso em: 2 jun. 2023.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese (Doutorado em educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf. Acesso em: 13 dez. 2022.

DEBETTO, Fernanda do Valle Galvão; SALDANHA, Gustavo Silva. Transtorno do espectro autista e tautismo: uma questão de prefixo? epistemicídio e capacitismo na análise crítica à infocomunicação. **Encontros bibli:** revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 28, p. 1-24, 2023. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/92859/53154.

Acesso em: 2 jun. 2023.

FERREIRA, Dina Maria Martins; PITA, Julianne Rodrigues. Colonialidadade do saber no ensino da educação básica: resistência ou reprodução do eurocentrismo? **Revista escrita**, [*s. l.*], v. 2020, p. 46645, 2020. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/46645/46645.PDF. Acesso em: 5 jun. 2023.

FREITAS, Altiere Dias de. Notas sobre o contexto de trabalho do grupo Modernidade/colonialidade|Universidade, horizontes utópicos e desafios teóricos. **REALIS**: Revista de Estudos AntiUtilitaristas e PosColoniais, Recife, v. 8, n. 2, p. 145-171, jul./dez., 2018. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/realis/article/view/241453. Acesso em: 14 jul. 2023.

FREITAS, Eduardo. As últimas colônias do mundo. **Mundo da educação**, [*s. l.*], 2019. Disponível em: https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/as-ultimas-colonias-mundo.htm. Acesso em: 5 jun. 2023.

GABRIEL JUNIOR, Rene Faustino.; BUFREM, Leilah Santiago. Da BRES à BRAPCI: memória e construção social da Base de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci). *In:* ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2022, Porto Alegre. **Anais** [...]. Porto Alegre: UFRGS, 2022. Disponível em: https://cip.brapci.inf.br/download/201576. Acesso em: 2 jun.2023.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** Barueri: Atlas: 2022.

GONÇALVES, Robson de Andrade; MUCHERONI, Marcos Luiz. O que é epistemicídio? uma introdução ao conceito para a área da ciência da informação. **Liinc em revista**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. e5759, nov. 2021. Disponível em: https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5759/5385. Acesso em: 29 jun. 2023.

MAIA, Bruna Soraia Ribeiro; MELO, Vico Dênis Sousa de. A colonialidade do poder e suas subjetividades. **Teoria e cultura**, [*s. l.*], v. 15, n. 2, p. 231-242, jul. 2020. Disponível em: hhttps://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/30132/21554. Acesso em: 13 dez. 2022.

MELO FILHO, Edilson Targino de; SILVA JUNIOR, Jobson Francisco da. Enegrecendo o ENANCIB: a produção científica nas temáticas étnico-raciais no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. **Folha de rosto**, Juazeiro do Norte, v. 5, n. esp., p. 49-59, 2020. Disponível em: https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/392/400. Acesso em: 31 dez. 2022.

MIGNOLO, Walter. D. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. *In:* LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo nas ciências sociais - perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: [*s. n.*], 2005. p. 35-54.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: O lado mais escuro da modernidade. **Revista brasileira de Ciências Sociais**, [*s. l.*], v. 32, n. 94, p. 1-18, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/abstract/?lang=pt#. Acesso em: 4 jun. 2023.

MORAES, Vanessa Coelho. Refletindo sobre as concepções de revitalização linguística e língua morta a partir do contexto kiriri. **Revista de estudos do discurso, imagem e som**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 487-515, 2021. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/download/166615. Acesso em: 2 jul. 2023.

MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo linguístico**: os subterrâneos da linguagem e do racismo. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

NOGUERA, Renato; DUARTE, Valter; RIBEIRO, Marcelo dos Santos. Afroperspectividade no ensino de filosofia: possibilidades da Lei 10.639/03 diante do desinteresse e do racismo epistêmico. **O que nos faz pensar**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 45, p. 434-451, jul./dez. 2019. Disponível em: https://oquenosfazpensar.fil.puc-rio.br/oqnfp/article/view/693/620. Acesso em: 1 jun. 2023.

OLIVEIRA, Gilmar Araújo de; SILVA, Éder da. “Tudo isso é Conversa para Comer sem Trabalhar”: capoeira, resistência decolonial. **Folha de rosto**, Juazeiro do Norte, v. 7, n. 1, p. 161-176, jan./abr. 2021. Disponível em:

https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/743/530. Acesso em: 1 jun. 2023.

ORTOLAN, Luciana Pereira; SILVA, Marcio Ferreira da; ALVES, Roberta Caroline; MARTÍNEZ-ÁVILA, Daniel. As temáticas sobre o negro na ciência da informação brasileira. **Biblionline**, João Pessoa, v. 13, n. 3, p. 14-29, jul./set. 2017. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/biblio/article/view/35715/19248. Acesso em: 12 jan. 2023.

PESSANHA, Eliseu Amaro de Melo. Do epistemicídio: as estratégias de matar o conhecimento negro africano e afrodiaspórico. **Problemata**, [*s. l.*], v. 10, n. 2, p. 167-194, 2019. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/problemata/article/view/49136/28617. Acesso em: 10 maio 2022.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Apresentação da edição em português. *In:* LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo nas ciências sociais - perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: [*s. n.*], 2005.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. *In:* SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 73-118.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; SILVA, Rubens Alves da. Da Ausência à Evidência: notas teórico-críticas sobre o Princípio da Ausência, Epistemicídio e Reparação Epistêmica em bibliotecas e Biblioteconomia. **InCID:** revista de Ciência da Informação e Documentação, Ribeirão Preto, v. 13, n. 1, p. 47-72, mar./ago. 2022. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/194447/183690. Acesso em: 23 jun. 2023.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; GARCEZ, Dirnéle Carneiro; SILVA, Rubens Alves da. Conhecimento das margens: da injustiça epistêmica à valorização do conhecimento negro em Biblioteconomia e Ciência da Informação. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 27, n. 1, p. 1-19, jun. 2022. Disponível em: https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1885/pdf. Acesso em: 23 jun. 2023.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2010.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba pelo financiamento desta pesquisa.

Copyright: Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

tpbci@ancib.org @anciboficial @ancib_brasil